

## ENTRE A RAZÃO E O PECADO NO MEDIEVO

*Elaine Cristina Senko (Doutoranda em História Medieval PPGHIS UFPR/NEMED)<sup>1</sup>*

MENDES, Ana Luiza. **O diálogo entre a razão e o pecado nas correspondências de Abelardo e Heloísa**. São Paulo: Ed. Ixtlan, 2013.

A obra “O diálogo entre a razão e o pecado nas correspondências de Abelardo e Heloísa” da autora Ana Luiza Mendes apresenta importantes elementos da filosofia moral medieval entre os séculos XI e XII através das correspondências entre Abelardo (c.1079-1142) e Heloísa (c.1101-1163).

Já constatamos na “Introdução” como o trabalho irá enveredar pelo debate entre a emoção e a razão no medievo através do uso da linguagem e da filosofia dentro de um universo social e cultural. Chama nossa atenção o tipo de fonte utilizada que são as “cartas”, estas que abrem porta para as análises do estilo de amor cortês.

No capítulo 1 intitulado “A sociedade de Abelardo e Heloísa” a autora apresenta aspectos do ambiente citadino na França medieval, pois nesse ínterim circulavam muitos sábios clérigos: “A cidade medieval é um tema profícuo de se pensar. Ela encarnava a dicotomia entre a vida terrena e a vida no além, a vida de possibilidades de relações sociais” (p. 13). E nas cartas ao dialogar com uma personagem feminina o sábio Abelardo deixou escapar resquícios da mentalidade de um homem medieval<sup>2</sup>. A cidade e o ambiente universitário de Paris deram o tom da paisagem em que escreveu e lecionou Abelardo ao

<sup>1</sup> Doutoranda em História Medieval pelo PPGHIS UFPR/NEMED. E-mail: [elainesenko@yahoo.com.br](mailto:elainesenko@yahoo.com.br); Curitiba/Brasil; Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4247162T2>

<sup>2</sup> Sobre a Universidade Medieval citamos uma explicação da eminente professora medievalista Professora Dra. Fátima Regina Fernandes: “A construção das bases teóricas de afirmação da supremacia régia tem em nosso recorte medieval várias fontes de alimentação. Para além da bagagem de reflexões e teorias consagradas pelos pensadores da Patrística que constituía base comum de formação dos pensadores medievais, percebemos que os clérigos, até o século XI monopolizadores do saber e do ensino começaram no século XII a sofrer a concorrência de outros núcleos formadores de cultura e de ideologia, as Universidades. Estas institucionalizam espaços de estudo até então mais restritos”. In: FERNANDES, Fátima Regina. Teorias Políticas Medievais e a Construção do Conceito de Unidade. **Revista História Unesp**. São Paulo, 28 (2), p.44-45, 2009.

mesmo tempo das ideias artísticas do abade Suger. Lembremos que no medievo as principais universidades na Cristandade Latina foram a de Bolonha, Paris (onde Abelardo se localizava) e Salamanca.

No seguimento do capítulo 2 intitulado “As bases ideológicas da vida moral” é abordado a regulamentação moral do corpo e da alma baseado em regras que ora se aproximam de virtudes ora dos vícios. Nesse sentido, Abelardo se auto definia como soberbo, avaro e luxuoso, pois “a vida terrena era uma provação, uma passagem e uma preparação dolorosa para a vida eterna” (p. 25). E Heloísa teve a culpa do pecado contra Abelardo, e não contra Deus. Assim aparece a explanação sobre a doutrina do amor puro e da moral da intenção, pois Abelardo reflete sobre a questão da vergonha e de uma justiça e Heloísa sobre a inocência e o pecado. Essa situação passa a se configurar com a ação de Abelardo que transformou o amor carnal em espiritual e Heloísa que abordou os dois campos.

No capítulo 3, “A linguagem do amor” a autora revela aspectos da escrita racional, cortês medieval e da salvação. Interessante observar a trajetória da escrita no medievo dos aspectos racionais ao envolver no debate o amor, haja vista que o amor cortês também era um dos estilos em voga. Segundo Mendes: “Alguns estudos que nos são disponíveis sobre Heloísa e Abelardo tendem a criticar o fato de que ela só é lembrada em função dele” (p.41), mas na explanação a referida autora desmistifica tal pensamento. A salvação aparece como objetivo depois de sofrimento lógico e emocional: “(...) a experiência de Heloísa, a qual ela mesma isenta do pecado, através da teoria da intenção de Abelardo, concebe o amor enquanto uma presença nos corpos dos apaixonados, o amor é o fato que alimenta a dinâmica do casal” (p.62). E Mendes conclui: “Enquanto Abelardo a trata com formalidade, Heloísa o trata com desvelo, carinho e confessa que o coração dela a ele pertence (...)” (p. 62). O sofrimento perpassa pela emoção (sensibilidade) e pela razão (o uso erudito). Isso ressalta como a dialética da escolástica, além de ser a prática da *universitas* medieval, atravessa as paredes da instituição e alcança reflexões sobre o social<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> LE GOFF, Jacques. **Os intelectuais na Idade Média**. Trad. Margarida Sérulo Correia. Lisboa: Gradiva, 1984.

Ao fim, na “Conclusão”, a autora aponta como o amor de nível intelectual era livre e o casamento uma instituição que aprisiona com a submissão feminina. Entretanto Heloísa se coloca em pé de igualdade com Abelardo no universo erudito, apesar da sociedade ser ainda um *tempo dos homens*. As posições tomadas por Heloísa revelam uma provocação racional para Abelardo<sup>4</sup>. A tensão apenas aparece em torno da questão do matrimônio, pois como a autora bem ressalta o amor entre ambos: “aspira à gratuidade, à reverência, não só a Abelardo, mas ao amor que por ele sentia, ao qual permaneceu fiel” (p.64). Ou seja, o amor está no campo da erudição livre da padronização social.

Interessante como o período retratado pela autora alude a uma sociedade “underground” dentro do medievo que era formado por mestres universitários (laicos ou religiosos pertencentes ao clero) e seus alunos, os chamados goliardos<sup>5</sup>. Apesar da égide

---

<sup>4</sup> Sobre o ambiente aristotélico medieval: “Probablemente no ha habido una época como el medievo en que, no ya el progreso sino la supervivencia misma de la civilización, hayan dependido más del libro, de su producción, de su transporte y de su utilización académica. Tampoco es fácil encontrar una realización más efectiva del encuentro entre las culturas que el proceso de traslado del saber donde, a lo largo de las rutas militares o comerciales, se establecieron itinerarios de intercambio de conocimientos entre los pueblos y civilizaciones del medio oriente y del mundo latino occidental. La historia del pensamiento designa este vasto movimiento intelectual que se extendió a lo largo de casi un milenio, con la expresión *translatio studiorum*, y lo vincula con los extremadamente complejos procesos a través de los cuales el saber científico, literario, religioso y, especialmente, filosófico, procedentes de Grecia, Bizancio, Egipto o Arabia llegaron a influir decisivamente en la recuperación de la cultura occidental. El círculo que traza la *translatio* viene a simbolizar, también, el ciclo doctrinal a través del cual se registra el auge y decadencia del pensamiento greco-cristiano, que había preservado la continuidad y la unidad del saber en el mundo occidental, bajo la forma de una doctrina filosófica común: el neoplatonismo cristiano. Este artículo trata de reflejar, de un modo que ha de ser necesariamente sucinto, las características de este viaje del conocimiento, sus principales etapas, su relación con los procesos de traslado y traducción de los libros y el modo en que, al final del recorrido, la recepción del saber griego había perdido su energía y se preparaba un nuevo envite doctrinal que abriría la puerta al pensamiento moderno”. LEÓN FLORIDO, F. *Translatio studiorum*: Traslado de los libros y diálogo de las civilizaciones en la Edad Media. **Revista General de Información y Documentación**. Madrid: UCM, vol.15, n.2, p.51-52, 2005.

<sup>5</sup> “Entretanto, os mosteiros, as escolas urbanas, as catedralícias teriam ainda seu papel, mas os espaços da Academia sistematizavam a rotina e forneciam método à produção do conhecimento. Autorizadas pelo Papado e patrocinadas pelas autoridades temporais, as Universidades deixariam logo de ser apenas freqüentadas pelos clérigos e passariam a ser o núcleo fomentador de teorias e bases argumentativas de institucionalização e ideologização da figura régia. A retomada dos estudos de Direito Romano no século XII da iniciativa da Universidade de Bolonha, arrastaria a um movimento de revisão do *Corpus Iuris Civilis* de Justiniano, cuja obra secundava, no entanto, seu projeto de *Renovatio Imperii* no Ocidente. Tais estudos forneciam uma base argumentativa laica e seriam o gérmen do “novo” *Ius civile* e do *Ius canonicum*. A grande crítica, já no século

política da chamada Cristandade Latina, os goliardos e os seus mestres tinham um debate sobre os clássicos com uma certa liberdade. O mestre Abelardo, apesar de fazer estrondoso sucesso junto aos seus alunos, teve dois momentos em sua vida: uma muito próxima do laicismo dos goliardos e outro em completo mergulho na fé cristã<sup>6</sup>. As correspondências entre Abelardo e sua aluna Heloísa (tendo ela existido ou sendo uma abstração filosófica do mestre universitário) demonstraram a importância da dialética e da filosofia racional para este momento e, principalmente, depois já em pleno século XIII.

Portanto, a resenha da obra que analisamos tem uma cuidadosa pesquisa realizada tanto das fontes quanto da historiografia medieval sobre o assunto. Recomendamos a leitura da obra, pois se trata de um contexto histórico fascinante escrito por mãos competentes da autora.

Recebido em: 16/11/2017

Aprovado em: 29/01/2018

---

XII, de Bernardo de Claraval, à jurisdicionalização das funções pontificias no *Tratado sobre a Consideração* dedicado a Eugênio III é disto um sintoma. Um fenômeno sem retorno possível, apesar das críticas pertinentes de Bernardo dentro de uma lógica cisterciense, se analisarmos o perfil e as preocupações dos papas que sucederam Eugênio, especialmente Inocêncio III e Inocêncio IV no século XIII. A dialética do conservadorismo na proposta e no discurso cisterciense e a modernidade e o otimismo que impregna o contexto econômico onde esta proposta se aplica é decisiva na compreensão dos fatores de produção cultural medieval”. In: FERNANDES, Fátima Regina. Teorias Políticas Medievais e a Construção do Conceito de Unidade. **Revista História Unesp**. São Paulo, 28 (2), p.44-45, 2009.

<sup>6</sup> Dentro da Cristandade Latina: “a)O Papa possui a auctoritas; o imperador e os Reis detêm a potestas. b) O primeiro, juntamente com os demais ministros eclesiásticos, é o responsável pela salvação de todos os seres humanos, de modo que sua missão é de natureza espiritual e transcendente. É da competência dos demais propiciar-lhes o bem-estar de seus súditos neste mundo. c) A missão dos sacerdotes — e, por extensão, de seu líder — é mais importante do que a desempenhada pelos senhores do mundo, de modo que, por conseguinte, a posição ocupada pelos primeiros é mais relevante do que a dos segundos. d) As esferas de atuação próprias do espiritual e do temporal são distintas entre si”. SOUZA, José Antônio de Camargo Rodrigues de. **O reino de Deus e o reino dos Homens: as relações entre os poderes espiritual e temporal na Baixa Idade Média (da Reforma Gregoriana a João Quidort)**. José Antônio de C. R. de Souza e João Morals Barbosa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997, p. 14.